

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANDRIELE SOARES ZANATTO

ÉDIPO É TÍTERE DIVINO OU POSSUIDOR DE LIVRE-ARBÍTRIO?

BAGÉ

2023

ANDRIELE SOARES ZANATTO

ÉDIPO É TÍTERE DIVINO OU POSSUIDOR DE LIVRE-ARBÍTRIO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Letras - Português e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras - Português e Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Lúcia Maria Britto Corrêa

BAGÉ

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

Z121299É Zanatto, Andriele

Édipo é títere divino ou possuidor de livre-arbítrio? /
Andriele Zanatto.

31 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Lúcia Maria Corrêa ".

1. Trata sobre a personagem Édipo, da tragédia grega
"Édipo rei", procura problematizar a questão: ele foi um
títere divino ou possuidor de livre-arbítrio?. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ANDRIELE SOARES ZANATTO

ÉDIPO: É TÍTERE DIVINO OU POSSUIDOR DE LIVRE-ARBÍTRIO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18 de dezembro e 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. João Pedro Rodrigues Santos
(SMED-Bagé)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 13:19, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **João Pedro Rodrigues Santos, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 18:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1336510** e o código CRC **AD65118C**.

Referência: Processo nº 23100.025882/2023-98 SEI nº 1336510

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Neiva Soares e Moisés Zanatto, por sempre me apoiarem e não medirem esforços para me auxiliar nessa jornada.

A Deus por me proporcionar esta vivência, me dando força e coragem.

Aos professores pelos ensinamentos ao longo dessa jornada acadêmica.

A professora Lúcia Maria Britto Corrêa, minha orientadora, que me ensinou a gostar de tragédias com suas aulas incríveis, e principalmente por me auxiliar nessa caminhada de escrita, nossas conversas foram essenciais.

Aos meus amigos em geral e aos que fiz ao longo do curso, sem vocês, eu não teria conseguido.

RESUMO

O presente trabalho consiste em estudar o protagonista da tragédia grega, *Édipo rei*, e a partir disso, tentar responder a dúvida de que o herói sofreu a queda decorrente de suas próprias escolhas ou se foi usado de fantoche pelos deuses, não tendo poder sobre sua própria vida. Serão analisadas obras de Albin Lesky, H. D. F. Kitto e Jacqueline de Romilly para situar o leitor sobre o gênero trágico, originário da Grécia, onde teve maior sucesso e de onde surgiram seus grandes dramaturgos como Sófocles, além de apontar mudanças ocorridas no gênero ao longo do tempo. Também serão analisadas obras de Karl Reinhardt e Albin Lesky para levantar indícios sobre a ideia de que Édipo seguiu seu destino. Por outro lado, Bernard Knox defende a perspectiva de que o herói tebano teve responsabilidade quanto às consequências de suas escolhas, não tendo, assim, interferências externas. O trabalho tem por objetivo consultar as nuances de cada uma das falas e levantar embasamento para problematizar a questão proposta.

Palavras-chave: Édipo rei. Tragédia. Destino. Livre-arbítrio.

ABSTRACT

The present work consists of studying the protagonist of the Greek tragedy, Oedipus the King, and from this, trying to answer the question of whether the hero suffered the fall resulting from his own choices or whether he was used as a puppet by the gods, having no power over his life. own life. Works by Albin Lesky, H. D. F. Kitto and Jacqueline de Romilly will be analyzed to inform the reader about the tragic genre, originating in Greece, where it had greater success and where its great playwrights such as Sophocles emerged, in addition to pointing out changes that occurred in the genre throughout the time. Works by Karl Reinhardt and Albin Lesky will also be analyzed to find evidence that proves the idea that Oedipus followed his destiny. On the other hand, Bernard Knox defends the perspective that the Theban hero was responsible for the consequences of his choices, thus not having external interference. The objective of the work is to consult the nuances of each of the statements and provide a basis to problematize the proposed question.

Keywords: Oedipus the King. Tragedy. Destiny. Free will.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 A TRAGÉDIA GREGA

3 ÉDIPO COMO TÍTERE DOS DEUSES

4 ÉDIPO COMO DONO DE SEU LIVRE-ARBÍTRIO

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho irei analisar uma questão bem pertinente sobre um dos maiores heróis da tragédia grega, Édipo, da obra *Édipo rei* de Sófocles. Tudo o que aconteceu em sua vida provém de onde? De um destino já premeditado, sendo ele um joguete dos deuses, cabendo a ele apenas aceitar ou são apenas consequências de suas próprias escolhas?

Este trabalho conta com 3 capítulos. No primeiro capítulo, intitulado: *A tragédia grega: Seu surgimento e características essenciais*, trarei a análise de obras referentes à tragédia grega, evidenciando a história, o surgimento desse gênero de extrema importância para a história da literatura, suas principais características, assim como os maiores autores trágicos. Serão utilizados para esta análise: *A tragédia grega* de Jacqueline de Romilly (1998), *A tragédia grega* de Albin Lesky (1971) e *Os gregos* de H. D. F. Kitto (1990).

No segundo capítulo, intitulado: *Édipo como títere dos deuses*, irei analisar obras que expõem a perspectiva de que a personagem foi um joguete dos deuses, como por exemplo: *Sófocles* de Karl Reinhardt (2007), que traz evidências cabíveis de que Édipo não foi o próprio responsável por sua queda, uma vez que os deuses rogaram uma praga para ele e sua família, em que ele iria matar seu próprio pai e deitar-se com sua mãe. O poder divino é quase impossível de ser mudado, mas assim como todo o ser humano, Édipo tentou fugir dele, contudo, não obteve sucesso, suas escolhas ao longo da peça foram meramente escolhas que não mudaram seu destino, acontecendo com ele, o que deveria ter acontecido.

No terceiro e último capítulo, intitulado: *Édipo como dono de seu livre-arbítrio*, analisarei a obra *Édipo em Tebas* de Bernard Knox (2002), onde ele expõe sua perspectiva de que Édipo tinha em suas mãos o poder de decidir o que iria acontecer consigo mesmo, era dono de seu livre-arbítrio, possuía carta branca devido ao cargo de rei que ocupava, sendo ele, o único e verdadeiro responsável pela sua tragédia, e anulando qualquer tipo de interferência externa ao longo da peça. O destino ou os deuses nada tiveram a ver com a queda do protagonista. Diante disso, trarei evidências sobre seu ponto de vista e para assim, chegar em uma conclusão sobre esta questão tão emblemática.

2 A TRAGÉDIA GREGA

A tragédia é uma encenação de uma peça que começou a ser apresentada em festivais no Ocidente, em especial em Atenas. Era uma atividade religiosa e milhares de pessoas compareciam a estes festivais.

De acordo com o texto *A tragédia grega* de Jacqueline de Romilly (1998), podemos assegurar que o grande mérito de ter criado a tragédia é dos gregos, há mais de 25 séculos atrás, e depois de muito tempo de sua criação, são encenadas, reescritas e ainda são usadas de referências, assim como as personagens das tragédias clássicas, essas obras ainda são lembradas e contempladas, exatamente pela genialidade e riqueza de pensamentos dos autores da época, da capacidade que eles possuíam de usar a linguagem para falar de emoção e fazer uma reflexão profunda sobre o homem. O gênero trágico foi de grande relevância para os gregos naquela época, porém muitas obras acabaram se perdendo durante a passagem do tempo, é inimaginável a quantidade de peças excepcionais que acabamos por não conhecer. Tem-se, hoje em dia, apenas uma pequena amostra do que foi a tragédia grega.

A tragédia grega em seu ápice durou em média oitenta anos, sendo a primeira representação trágica feita em festas dionisiacas atenienses em torno de 534 a.C, no governo de Pisístrato.

Os três grandes trágicos de maior reconhecimento são: Ésquilo, Sófocles e Eurípidés, somando-se 32 grandes tragédias conhecidas. É muito pouco, considerando os vários outros trágicos que existiram na época, até mesmo entre o trio, que escreveram, juntos, mais de 300 obras, mas que infelizmente foram perdidas ao longo do tempo, o que nos faz pensar em quantas obras excelentes deixamos de conhecer e contemplar, estas que conhecemos, são grandes exemplos do quão encantadoras eram estas peças e encenações.

A tragédia grega tem uma origem religiosa, deriva-se do culto a Dionísio, Deus do vinho e das procissões eróticas, elas eram encenadas em festas deste deus. Existia na época, "o teatro de Dionísio" onde as peças eram encenadas para ele enquanto o mesmo permanecia sentado em um trono de pedra para assistir ao espetáculo. Não há menções ao deus na escrita mas há sempre a presença do sagrado, na dualidade entre a vida e a morte.

As peças eram encenadas em festas nacionais, onde o Estado ajudava financeiramente e escolhiam três escritores trágicos para participar de uma competição, cada um deles escolhia apenas 3 peças e encenavam, cada dia era reservado para um escritor. Normalmente o dia terminava com uma farsa. Todo o cidadão era convidado a comparecer e contemplar este espetáculo. É claro, não temos certeza da presença de mulheres, que não eram consideradas cidadãos.

A palavra "tragédia" significa "o canto do bode", existem diversas formas de interpretar este nome mas não nos deixa claro seu real significado.

Tem a mesma origem da epopéia e trata dos mesmos assuntos, os mitos como a Guerra de Tróia, as explorações de Hércules e as desgraças de Édipo e sua família. A tragédia se mostrava cheia de emoções, que mexiam com o imaginário da platéia, causando pavor e compaixão, pois acontecia diante de seus olhos. O teatro era ao ar livre para o máximo de pessoas possível, diferente dos teatros fechados que estamos acostumados hoje em dia. No teatro grego tínhamos a presença de atores mascarados, homens que se caracterizavam de mulher para representar uma personagem feminina. Havia ainda, um fosso para os integrantes da orquestra, o coro, componente mais importante da tragédia inicialmente, que ficava sempre ali e detinha o poder de falar com os atores, encorajá-los, aconselhá-los e até mesmo ameaçá-los. A peça não se dividia em atos, já que não havia cortinas, por isso, dividia-se em partes chamadas de episódios, separados por apresentações líricas do coro da orquestra, pois, precisavam de tempo para se organizar, entretanto nem por esse motivo, os dois grupos deixavam de interagir uns com os outros, "Comemos" se chamava o recitativo que envolvia os atores e os coristas juntos. O coro, originalmente, era o elemento mais importante da tragédia, os ricos detinham a honra de eleger quem ocuparia as quinze vagas do coro, os coreutas geralmente eram formados por idosos.

Ésquilo foi o primeiro a aumentar de um para dois o número de atores, a diminuir a importância do coro e a transferir o papel principal para o diálogo; Sófocles aumentou o número de atores para três, e mandou pintar o cenário. (Aristóteles, *Poética*, 1449 a.C)

Já sabemos que a importância maior da tragédia era dada ao coro, porém, essa ideia foi mudando ao longo do tempo, assim foi aumentando as falas das personagens até que se tornassem o foco principal. Primeiramente, o que eram e o que sentiam ganhou enfoque, por conseguinte, nos fazendo comover com as

desgraças vividas por eles, junto com a sua dureza e coragem que possuíam. Por exemplo, os heróis que dão nome às peças: *Ájax*, *Édipo rei*, *Édipo em Colono* e *Filoctetes*, de Sófocles, onde ele transformou as personagens no centro do interesse, mais adiante as personagens começam a defender suas ideias. "Agon" era como se chamava o combate de ideias entre dois lados opostos. Nessas peças de Sófocles vemos o jogo da ação, alegria e angústia, trazendo à trama mais emoção.

De Ésquilo a Sófocles e a Eurípidés, a tragédia sofreu várias transformações e evoluções profundas. A visão do mundo se alterou, o gosto, o tom e os meios literários também se alteraram, porém, a forma literária permaneceu a mesma, o espírito trágico continuou o mesmo, dando a liberdade para que algumas peças que se inspirem nesse espírito, ser chamado de "tragédia".

As peças gregas se baseavam em duas fontes essenciais de inspiração com o risco de deformação ao longo do tempo: o passado mítico e a atualidade política.

Romilly (1998) analisa que os mitos gregos, que inspiraram as tragédias trazem, em si, o horror e sentimentos primários dos homens, onde se tornam objeto de obras literárias, que tratam de deixar evidentes a crueldade e escândalo dos crimes para com a natureza. Eles usam das emoções causadas pela tragédia para transformar o homem em suas emoções essenciais.

Átridas e Labdácidas são duas grandes famílias que possuem uma enorme carga de crimes monstruosos e que aparecem em várias peças. Havia dois irmãos, o Atreu e Tieste, Átridas, ambos decidiram em comum acordo matar o terceiro irmão Crisipo, após terem feito isso, eles se colocaram um contra o outro. Atreu mata os filhos de Tieste e dá para ele comer durante um festim. Esse horror atormenta a família de Atreu e seus filhos Agamêmnon e Menelau. E se estende à família de Agamêmnon, em que ele mata a filha Ifigênia e acaba sendo morto pela esposa Clitemnestra, a mesma é morta pelo próprio filho Orestes. Estes crimes aterrorizantes acontecem dentro de um núcleo familiar, uns tirando a vida de outros, fazendo-nos questionarmos as relações familiares. Na época, era o *óikos*, a família que exercia a justiça e não o Estado. A família de Átridas está presente em três obras de Ésquilo, uma de Sófocles (*Electra*) e quatro de Eurípidés (*Orestes*, *Electra*, *Ifigênia em Áulida* e *Ifigênia em Táurida*). Assim como esta, a família dos Labdácidas também recebeu muitas citações em peças. Laio, pai de Édipo, teve sua juventude marcada por assassinatos, nas quais fizeram parte de várias das peças

hoje perdidas, como *Antíope*, de Eurípides. No momento em que se tornou rei, Laio foi ameaçado de ser morto pelo filho, então, logo após seu nascimento ele manda fazer com que desapareça, atitude inútil já que por vários acontecimentos do destino, ele acaba sendo morto por este filho. Em um trecho de *Édipo rei*, Sófocles lhe atribui: “Tristeza! Tudo agora transparece! Recebe, luz, meu derradeiro olhar! De quem, com quem, a quem - sou triplo equívoco: ao nascer, desposar-me, assassinar” (2007, p. verso 1185).

Ainda nesta família, nos resta falar sobre os seus filhos que acabam por matarem um ao outro, *Édipo em Colono*, de Sófocles, *Os sete contra Tebas*, de Ésquilo, *As fenícias*, de Eurípides são exemplos de 3 peças que se dedicam a este confronto monstruoso. Além dessas, muitas outras são citadas em obras trágicas como por exemplo Hércules de Eurípides que mata seus dois filhos em um momento de delírio, assim como Agave. Ainda na obra deste escritor, Teseu por engano, leva seu filho à morte, Medéia mata os filhos possuída pelo efeito da paixão, sem falar nos assassinatos que não acontecem por revelações no último instante, em especial nas peças mais atuais, de Eurípides. Aristóteles inclusive recomendava o uso destes recursos para sensibilizar os espectadores, acontecimentos baseados na imaginação, chocantes e excepcionais, o que nos leva a entender as emoções causadas por quem lê e assiste, uma característica pertencente exclusivamente à tragédia clássica.

Na evolução da tragédia grega, a autora também destaca o uso do patético em algumas obras, como nas de Eurípides, portanto migra-se para uma modernidade muito rapidamente, no espaço de oitenta anos, que marca o fim da tragédia grega como era conhecida e o coro não era mais essencial nas tragédias de Eurípides. Diante disso, Romilly (1998) ressalva que não podemos deixar de observar o que estes três grandes trágicos têm a dizer sobre o homem.

Sófocles conheceu o império ateniense e viu de perto as decepções da Guerra do Peloponeso. *Édipo em Colono* contém o mais bonito dos cantos de glória de Atenas, em que mostra o amor por sua pátria, onde viveu até o último dia de sua vida. Ele veio de uma família privilegiada economicamente que lhe deu uma educação digna de sua condição social. Teve uma carreira literária brilhante, foi premiado mais do que qualquer outro poeta trágico fora, e viveu de 495 a.C - 405 a.C. Considerado por todos ao seu redor, um homem amável, de muitos amigos, provando que se pode escrever tragédias sendo um homem bem sucedido, o

mesmo coloca em suas obras, o homem como o centro, a função do humano ideal nas características de seus heróis. Segundo Romilly (1998), nenhuma das sete peças conservadas de Sófocles deixa de apresentar um problema de ordem ética encarnado nas personagens como por exemplo Antígona e Electra. Também normalmente se discutiam questões políticas, como em *Antígona*, o limite do governante para fazer leis. Na primeira, Antígona vai contra Creonte, rei de Tebas e sepulta seu irmão Polinice, há entre os dois um conflito de princípios, ela voltada para a tradição, humanidade e ele pelas leis e respeito ao reino. Hêmon, filho de Creonte, tenta o convencer a mudar de ideia pelo equilíbrio entre os dois lados. Após a intervenção do sacerdote Tirésias, o rei acaba cedendo, porém, tarde demais, Hêmon e Antígona são mortos antes de sua chegada. Electra também tem um confronto de ideias com sua irmã, ela é mais corajosa e audaciosa, entretanto, mais amarga do que Antígona mas com a mesma dureza de heroínas e com embates sucessivos. Essa é uma característica própria de Sófocles, de contrapor as normas éticas uma contra a outra.

Nas peças que o tragediógrafo dedicou a Édipo não aparece exatamente esses conflitos, mas sim um herói que não quer ceder e as figuras que tentam convencê-lo do contrário. Em *Édipo rei*, vemos o herói acusar erroneamente Creonte, opondo-se a voz do adivinho, em *Édipo em Colono*, ele está protegido pelas forças divinas, todavia permanece violento, cabe então a Antígona a missão de o convencer a ceder a favor de Polinice. Ainda assim, percebemos os contrastes de temperamento, de valores e pensamentos. Os heróis de certa forma, optam pela própria solidão, aceitam como uma espécie de orgulho e não voltam atrás. Antígona, por exemplo, convidou Ismênia, sua irmã a ir com ela, entretanto ela a recusou, um tempo depois, voltou atrás, mas Antígona não a aceitou, indo assim sozinha realizar os atos fúnebres de Polinices, lamentando a solidão, que na verdade, ela mesma escolheu.

Percebemos que existem várias obras desse escritor onde contém condenações injustas, como a do próprio Édipo que não teve culpa, não sabia de nada, fez o que fez, involuntariamente. Ele morre na presença de Teseu, rei de Atenas, com o apoio divino, cria uma relação entre o herói e os deuses.

Ainda segundo a autora, os deuses jogavam oráculos incertos para os humanos como enigmas difíceis de interpretar, muitas vezes interpretados

equivocadamente, levando o homem à ruína. Sófocles faz com que o homem pareça brinquedo daquilo que poderia chamar de ironia do destino.

Para contextualizarmos, é necessário lembrar um pouco sobre a história da Grécia clássica. Em meados de 560 duas grandes potências, Creso e Ciro se enfrentaram, uma guerra começada por Creso após ter consultado o oráculo que disse que se ele atravessasse o rio Hális, ele destruiria um grande império, o que ele não sabia é que o império a ser destruído seria o dele, havia esquecido de perguntar este detalhe ao oráculo, o domínio de Pérsia se estendeu até ao Egeu, cerca de 548 a.C.

Édipo rei é uma versão grega do mito em que fala sobre o nascimento de Ciro, uma criança que vai nascer e irá ter ações importantes, onde alguém tenta evitar seu nascimento ou matá-la mas sem sucesso, a criança nasce e a profecia se cumpre. Porém, em Sófocles é muito mais presente o simbolismo.

De acordo com Lesky (1971), na obra *A tragédia grega*, há algumas características essenciais para o trágico. Uma delas é a dignidade da queda, ou seja, trata-se de alguém que pertence a uma alta posição e cai no infortúnio, na miséria. A altura da queda é levada em conta, se considerarmos que quanto mais alto a sua posição, maior será a sua queda, com acontecimentos capazes de comover as pessoas, partindo assim para outra características que é a identificação, pois existe nessas narrativas trágicas a possibilidade de se relacionar com o nosso mundo real, quando lemos e consideramos que poderia sermos nós vivenciando estas situações deveras fortes e capazes de nos afetar e comover a partir do momento em que experimentamos o trágico.

A quarta característica é o fato de que a personagem possui a plena consciência de tudo que se passa, tudo que sofre na sua existência, pois, uma pessoa que passa por tantas coisas ruins sem ter o conhecimento delas, não sofre como se tivesse, logo, não tocara o público e não haveria um impacto trágico movido pela comoção do público com a tristeza e sofrimento do ser alheio.

Segundo autores contemporâneos, o termo *happy-end* que significa final feliz não deve estar presente em uma verdadeira tragédia já que consideram o trágico como algo de impossível remediação. Visto que não são poucas as tragédias áticas que possuem um final feliz e que não podem ser consideradas "tragédia" por estes autores, concluímos que elas revelam o trágico na mesma medida.

Será possível conceber algo mais profundamente trágico que Orestes, obrigado a dirigir suas armas contra o peito da própria mãe e depois levado à loucura pelas Erínias? Quão cheia de situações trágicas não está uma das peças mais sublimadas de Sófocles, o *Filoctetes*: o jovem de estirpe nobre, a ponto de perecer por causa da mentira, o sofredor que se vê traído em suas esperanças e sua confiança e entregue à destruição! E quantas amarguras Édipo deve experimentar antes de encontrar a paz no bosque sagrado de Colona! (LESKY, 1971, p. 30).

Para entendermos um pouco mais sobre a Guerra dos Persas, que antecedeu as tragédias, citamos Kitto (1990), que explica que a guerra se deu por conta da expansão territorial de Pérsia e o fato de a Grécia se sentir ameaçada com a conquista da Ásia Menor, seu grande objetivo, os dois grupos disputavam o controle do comércio marítimo. Dário, que era rei dos Persas, ordenou que seu exército invadisse a Grécia, porém, mesmo em menor número os gregos venceram os Persas, perdendo o total de 192 homens. Ésquilo esteve na batalha juntamente com seu irmão que acabou morrendo, logo após escreveria *Os persas*, *Os sete contra Tebas*, *Prometeu* e *Oresteia*. Houve uma segunda tentativa dos Persas em 480 a.C, desta vez mais organizada, mas mesmo assim, a Grécia venceu de forma esmagadora, desta vez com grande mérito de Atenas, logo após a vitória, a cidade prosperou, no comércio e na indústria, Atenas se sobressaia das demais cidades gregas, artisticamente, utilizando o bronze e o mármore. Erguera a arquitetura e a escultura alcançando a perfeição clássica, os artistas quase sempre trabalhavam para a *pólis*, partindo para seu maior triunfo, o drama trágico. Atenas se transformou em uma cidade cosmopolita, com muitos habitantes e de várias nacionalidades, berço da cultura, filosofia e política, criadora da democracia.

Então partiremos para a segunda parte do trabalho que é a perspectiva que alguns autores têm da personagem Édipo como títere dos deuses, passando por momentos de extrema dificuldade em que o mesmo não possui qualquer tipo de controle.

3 ÉDIPO COMO TÍTERE DOS DEUSES

Na obra, *A tragédia grega*, Albin Lesky (1971) defende a ideia de que Édipo sofre em desmedida, sofrimento este, causado pelos desígnios dos deuses, ele segue seu destino, o qual possui uma força imprevisível e poderosa que cabe aos homens apenas aceitar.

De acordo com o autor, o homem nasce com um destino já escrito, mas também com a vontade de lutar com todas as forças contra ele, na maioria das vezes não obtém sucesso, destino esse, que leva o protagonista cada vez mais para o seu declínio. O autor vê essa teimosia como algo incontrolável e natural do ser humano, porém, sem chances de conseguir modificá-lo. Isto, no entanto, conserva a dignidade da grandeza humana existente na personagem.

Édipo, na trama, foi envolvido pelo destino como em uma teia de aranha, de onde é impossível escapar. Ele chega em um momento da peça em que pode se livrar e conseqüentemente abafar a história que vinha à tona, entretanto, decide agir com heroísmo, mesmo que isso lhe cause a própria morte.

Lesky (1971) vê nesta tragédia o conflito verdadeiramente cerrado, em que o protagonista é levado à completa destruição, pode-se encontrar aí a grande fé do poeta sobre a grandeza e sabedoria dos deuses. No mesmo momento que nos mostra a queda absoluta de um homem, podemos encontrar também o canto coral que honra as leis eternas. Essa dualidade se faz presente em seu texto.

TIRÉSIAS: Irei, mas antes digo o que me trouxe - teu cenho nada pode contra mim: aquele cujo paradeiro indagas, pela morte de Laio, aos quatro cantos vociferando, bem aqui se encontra; tudo e havido como homem forasteiro, irá se revelar tebano autêntico, um triste fato. Cego - embora ele hoje veja -, mendigo (ex rico), incerto em seu centro, em terra estrangeira adentrará.

E então nós o veremos pai e irmão dos próprios filhos; no que toca a mãe, dela será o marido; e quanto ao pai, sócio no leito, além de seu algoz.

No espaço, pensa. A tua conclusão, se for que eu minto, diz: *falso profeta!* (SÓFOCLES, 2007, p. 59).

Nestes versos retirados da tragédia, o profeta antecede os acontecimentos de que Édipo ficará cego e irá ser asilado em outra cidade. Aqui podemos ter como evidência que seu destino já estava escrito, bastou a ele aceitá-lo. O Coro, logo em seguida, menciona o oráculo, "Aceitá-lo ou refutá-lo?" (Sófocles, 2007, p. 60). E logo após, declara apoio ao rei, mostrando-lhe lealdade. Em nenhum momento o protagonista pensa em deixar esta história de lado, segue sempre pelo justo.

Lesky (1971) afirma que tudo o que acontece nas obras de Sófocles tem por trás o divino, presente nas peças do poeta em geral, não cabe ao homem procurar razões para os feitos dos deuses. Aos deuses agrada, segundo Atena, os homens de bom juízo que acata-os sem questionar. Inclusive em uma das falas de Jocasta, ela cita o destino ou acaso como algo incerto, por isso, não se deve sofrer por antecedência.

Jocasta: Fará sentido o padecer humano, se o Acaso impera é incerta?
Melhor viver ao léu, tal qual se pode.
Não te amedronte o enlace com tua mãe, pois muitos já dormiram com a mãe em sonhos. Quem um fato assim iguala a nada, faz sua vida bem mais fácil. (SÓFOCLES, 2007, p. 84).

Na trama, os acontecimentos mais importantes acontecem antes do início da peça, logo no princípio a história toda é revelada, Édipo manda Creonte em busca de ajuda, uma solução para que possam salvar o reino de Tebas da peste que assombra o reino, e pela segunda vez o herói está disposto a salvar a *pólis* fazendo a vontade de Apolo, que é punir o assassino de Laio, antigo rei de Tebas. Consequentemente, ele roga as mais pesadas pragas em cima deste misterioso culpado, sem saber que o mesmo seria lhe revelado como sendo ele próprio. De início não acredita, já que ele certamente não teve a intenção de cometer estes crimes, com tudo, o destino assim o fez. Jocasta tentou acalmar Édipo com a informação de que Laio teria sido morto por bandidos em uma encruzilhada, mas a tentativa resultou no contrário, teria o rei matado um homem num ataque de fúria anos atrás também em uma encruzilhada, ou poderia ser apenas coincidência? A informação de que teria sido mais de um assaltante lhe dá esperanças, logo, é preciso chamar esta testemunha para descobrir a verdade.

O que ele não esperava é que um mensageiro de Corinto tinha sido enviado para avisá-lo que seu pai, Políbio havia morrido. Após lhe dar uma ponta de esperança, este mesmo homem lhe contou que ele não seria filho biológico do que acabara de morrer, mas sim que o servo o recebeu de outro servo quando ainda era criança. Mandou chamar este outro servo que descobriu pertencer a Laio, o mesmo que estava junto com o antigo rei no momento em que ele foi assassinado.

Édipo o questiona sobre o bebê que outrora entregou a outro servo, mas de início ele não quis falar, no intuito de proteger o soberano, mas Édipo está determinado a saber de tudo e o faz contar tudo o que sabe à força. Descobre

então, ser filho biológico de Laio, o homem que ele tirou a vida anos atrás, e de Jocasta, com quem é casado e possui filhos. Ao se dar conta dos fatos, Jocasta vai até o interior do palácio para tirar sua própria vida.

Todas essas coincidências da trama evidenciam a grande estratégia de Sófocles de reunir várias pessoas em uma só, o que soa como uma grande jogada do destino. O coro, neste momento, solta um clamor de lamento, colocando Édipo como um objeto de experiência dos deuses, algo que ele não possui o mínimo poder de mudar, coube a ele enfrentar a verdade com coragem e aceitação dignas de um grande homem.

Estirpe humana, o cômputo do teu viver é nulo. Alguém já recebeu do demo um bem não limitado a aparecer e a declinar depois de aparecer?
És paradigma, o teu demônio é paradigma Édipo: mortais não participam do divino.

Com a hipérbole do arco, lograste o plenifausto do bom-demônio.

Por Zeus!

Tu abateste Esfinge, - a virgem de unhas curvas! -, com seus cantovaticínio.

Em prol da pátria então se ergueu uma torre contra Têntatos.

e houve o clamor (também chamei):

Basileu!

Te coube a distinção extrema: reinar Tebas, a magnífica!

Quem tem reputação mais triste agora?

Quem sofre tanta dor, tão dura agruda, no revés da vida?

Inclito chefe, Édipo!

Um só porto, um único bastou ao pai e ao filho no serviço das núpcias - cair, subindo ao tálamo. (SÓFOCLES, 2007, p. 98).

Sófocles vê o homem com uma impotência diante dos poderes divinos, sua religiosidade se diverge da de outros autores trágicos, em que conduz o homem aos limites de sua essência humana, ele abre mão de entender o curso do divino, apesar de tudo o que acontece, as razões pelas quais os fatos se sucedem, estranhamente, violentamente ou de qualquer outra forma que nos foge conhecimento, será sempre algo misterioso para todos nós humanos. Na obra de Lesky (1971), ele escreve:

O próprio Sófocles o expressa com toda clareza nos versos de um drama que se perdeu (de. 833 N): "É impossível reconhecer o divino quando os deuses o ocultam, mesmo que na investigação se recorra a qualquer meio imaginável". (LESKY, 1971, p. 167).

O que os deuses determinam para os homens pode ser cruel e assim abre espaço para a hipótese de que o gênero trágico exige deuses cruéis que direcionam maus acontecimentos aos seres humanos de forma a não haver explicações.

Nesta tragédia podemos ver a fé inabalável do autor em razão da grandeza e sabedoria dos deuses em que acredita.

O herói trágico se resume em sua personalidade, ele é representado como um ser em si, fechado.

Karl Reinhardt (2007) em sua obra *Sócrates* também compartilha da ideia de que o herói tebano foi vítima do acaso. Segundo ele, *Édipo rei* forma dois pontos completamente diferentes do início ao fim, mantendo, todavia, a mesma intensidade, um é o oposto do outro, de início, Édipo é considerado por todos o amparo, proteção, o grande rei soberano e no fim, sofre a decadência, sem ninguém a seu favor, sem qualquer amparo, nada mais lhe pertence nem mesmo a luz do dia. Entre os dois extremos se desenvolve o declínio da personagem em uma crescente velocidade.

Na peça, a personagem não é apresentada como no mito, como filho do destino, mas sim como um salvador, de virtudes, o que comanda, o que age em causa de todo o povo e não apenas pensa nele mesmo, homem justo, de caráter e que é abençoado pelos deuses, na demonstração de sua grandeza ele é rodeado como se fosse um deus pelos seus, um povo humilde que põe nele sua fé, anciãos e jovens, como no trecho do início da obra:

Édipo: Descendentes de Cadmo! Crianças , moços! Porque trazeis à testa ramos súplices prostrados nos assentos dos altares?[...] Que humor vos põe assim? Temor? Anseio? O meu intuito é dar total auxílio. Um homem insensível seria, alheio à ocupação das sédes. (SÓFOCLES, 2007, p. 39).

Depositam nele suas esperanças de que a nuvem que pousa sobre Tebas desapareça. Édipo como um bom rei e um bom homem ouviu estes lamentos como se fossem seus. Eles confiam em Édipo, que toma para si esta dor.

Édipo: Meninos, ciente e não insciente estou do afã que movimenta este cortejo.
Eu reconheço o pan-sofrer; contudo, nenhum sofrimento tem meu sofrimento: a cada um tão-somente a dor remonta, a ele e a mais ninguém. Meu peito aperta pela pólis, por mim, por ti também. (SÓFOCLES, 2007, p. 41).

Karl Reinhardt (2007, p. 119) fala que “Para Sófocles, bem como para os gregos de tempos arcaicos, o destino não é jamais uma determinação, e sim o desdobramento espontâneo das forças demoníacas, também ali onde é predito e mesmo ali onde é consumado com uma ordem imanente ao acontecimento, ao curso do mundo”. Ou seja, o destino pode ser mudado, mas é quase impossível pelas forças demoníacas e/ou divinas que regem a vida dos homens. Diferente de outras tragédias gregas, encontra-se a tragédia da aparência, aqui entra a parte da busca pela verdade, a ideia da verdade relativa.

Édipo, no início, não se encontra na ilusão mas na aparência, divide-se em dois pontos, tendo como pergunta primária “o que é isso que se oculta de mim e que me impõe como tarefa a ser esclarecida? e a segunda é “o que sou eu e qual é meu próprio ser?” (REINHARDT, 2007 p. 121). A trama se desenvolve em volta dessas duas questões até que por fim elas se tornam uma só.

Ele vive na aparência, no que pensa ser, não acredita no que ouve, no entanto, logo após é jogado para fora dela ao descobrir a verdade sobre si mesmo, sobre sua origem e sobre sua história.

Diante disso, conclui-se que os dois autores entendem que Édipo esteve à mercê dos deuses, sem alternativa de livre-arbítrio, independente de quais atitudes tomasse, seu final seria o mesmo já então predestinado.

4 ÉDIPO COMO DONO DE SEU LIVRE-ARBÍTRIO

Segundo Knox (2002), a concepção de que a tragédia de Édipo seja uma tragédia de destino é uma “concepção básica equivocada”. Segundo o mesmo, a tragédia não comoveria os espectadores e leitores se fosse só destino, algo já premeditado, mas sim tendo os pré-requisitos essenciais de livre-arbítrio e de responsabilidade humana. A catástrofe deve ser auto-suficiente, como resultado da livre decisão e da ação do protagonista trágico, para ele, apenas com esses requisitos a peça mexeria tanto com o psicológico das pessoas que puderam se colocar no lugar da personagem.

Para Knox (2002), se *Édipo rei* é uma tragédia de destino, conseqüentemente a vontade da personagem não é livre, mas já de início, podemos ver na peça, ao

contrário, que a vontade do herói é inteiramente livre, sendo ele o único culpado pela catástrofe.

Creonte: Um dito bom: se a adversidade acaso corrige o passo, em bem resulta o acaso.

Édipo: Atém-te ao tema, pois o teu dizer nem tranquiliza nem atemoriza.

Creonte: Posso falar na frente dessa gente ou, se preferes, no interior do paço.

Édipo: Informa a todos! Sofro mais por eles do que por minha própria vida! Fala! (SÓFOCLES, 2007, p. 42).

Sófocles, segundo o autor, retirou qualquer possibilidade de interferência na vida de Édipo, já que a peça não se passa no momento em que a profecia acontece, mas sim no momento em que ele descobre o ocorrido.

[...] Pois na peça escrita por Sófocles, a vontade do herói é inteiramente livre e ele é totalmente responsável pela catástrofe. Sófocles ordenou com cuidado o material do mito de modo a excluir da ação da tragédia o fator externo na vida de Édipo. Tal ação não é concretização da profecia, mas a descoberta de que ela já se realizou. A catástrofe de Édipo é descobrir sua própria identidade; ele é o primeiro e o último responsável por está revelação. (KNOX, 2002, p. 3).

Tirésias havia previsto que Édipo ficaria cego e que Jocasta se suicidaria, porém, são consequências das ações de Édipo, o profeta estava disposto a não contar nada, mas agressivamente o rei o ataca de forma tão violenta que Tirésias decide então falar tudo. Édipo o arranca a verdade, diz o ancião ao rei que forçou-o a falar, contra sua vontade.

Não se trata de uma interferência externa mas sim de um pronunciamento no decorrer de uma atitude violenta, um homem que segundo Édipo está conspirando contra ele juntamente com Creonte. Ele está tão furioso com o fato de ter sido acusado pelo assassinato de Laio que deixa de lado a profecia e deixa de dar atenção aos detalhes mais terríveis, para pensar apenas nessa acusação que tanto o enfureceu.

A profecia de Tirésias, na peça, sobre o comportamento de Édipo poderia nunca ter sido realizada, mas acabou como uma consequência de sua escolha e atitude, não pode ser considerado fator externo.

De acordo com Knox (2002), há uma fala de Tirésias que parece criar uma questão sem resposta para este argumento: "Não cabe à minha Moira sobre ti cair" (SÓCRATES, 2007, p. 55) onde se refere ao rei, segundo várias traduções da peça.

“Do fato Apolo cuida. E basta.” (SÓFOCLES, 2007, p. 55). Aqui ele enfatiza a queda do herói como responsabilidade de Apolo, de modo a enfatizar o fator externo no enredo.

Brunck (1786) corrigiu em sua edição da peça para o oposto: “Não é meu destino cair em tuas mãos, disso cuida Apolo e basta” (Brunck, *apud* por KNOX). A correção foi aceita pelos editores do mundo todo pelo fato de o discurso de Édipo que precede esse trecho parece exigir esse sentido dado pelo autor: “Tua existência é uma noite interminável. Jamais poderás me fazer mal ou a qualquer homem que contempla a luz” (Brunck, *apud* por KNOX) mas as palavras podem significar também: “Tua existência é uma noite interminável. Jamais eu, ou qualquer outro homem que contempla a luz poderá fazer-te mal” (Brunck, *apud* por KNOX).

O processo de autodescoberta de Édipo se dá no início quando pede conselho ao oráculo de Delfos sobre a peste, sendo o flagelo considerado o “fator causal”, enviado por Apolo, que representa o fator externo, o “destino”. Historicamente, Apolo é o deus que envia a pestilência, é o que acontece na epopeia *Ilíada* e também na Guerra do Peloponeso. Entretanto, o autor dispõe da ideia de que Sófocles enfatiza não ser este o caso.

Todos na tragédia apelam a Apolo para salvar Tebas da peste, mas no texto escrito, não existem indícios de que Apolo seja o responsável pelo flagelo. O coro, inclusive, invoca o deus na intenção de pedir salvação com fala igualmente neutra.

Há um discurso do coro que faz alusão a Ares como o responsável pela peste. Sófocles, no entanto, insiste na ideia de que a peste não seja algo de natureza externa, já que apesar de ser associado a Ares, ele não é identificado no texto como tal.

Sófocles, no entanto, insiste claramente, por intermédio de suas imagens sem paralelos das flechas de Apolo como aliadas contra o flagelo e ao identificar este como Ares, que a peste não deve ser entendida como uma interferência apolínea, ou seja, que não é obra de um fator externo na peça. (KNOX, 2002, p. 07).

Não podemos afirmar que existe uma força maior neste caso, já que a responsabilidade como governante de Tebas pertence a Édipo e cabe a ele encontrar uma forma de acabar com o mal que os assola. Não há por parte de Apolo a intenção de que Édipo descubra a verdade. Édipo tem por obrigação salvar

o reino de uma peste para que não haja perigo de governar para um reino vazio. E pela segunda vez, vai atrás de salvar a cidade.

O sacerdote que pede para que o rei os ajude a se livrar dessa nuvem negra que pousa sobre a cidade, não fala explicitamente para que o mesmo consulte o oráculo de Delfos, essa é uma decisão inteiramente dele, a “livre ação de um agente livre” expressa bem a situação. Ele é o tyrannos, sua palavra é lei em Tebas, seu prestígio e seu registro de magnífico sucesso em seu reino lhe dão o poder e carta branca. Esse poder que o herói tem de fazer suas próprias escolhas é deixado claro desde o início da peça.

Essa mesma insistência na autonomia de ação de Édipo e a sugestão explícita de que ele pode fazer ou não o que de fato acaba fazendo, é vista na apresentação de Sófocles da ação do herói ao longo de toda a peça. Quando Creonte retorna e pergunta se Édipo deseja ouvir a resposta do oráculo em público ou em particular, este lhe diz para que fale diante de todos. (KNOX, 2002, p. 08).

Essa decisão, uma vez feita, poderia dificultar qualquer mudança no percurso da investigação, uma vez que todos ali seriam testemunhas do que viria a ser dito. Creonte sugere uma reunião em particular, mas Édipo resiste, essa foi uma decisão unicamente dele.

Logo após, ele lança a mais terrível maldição para o assassino de Laio, aumentando ainda mais o horror causado no momento em que é descoberto o verdadeiro culpado. A maldição é puramente ideia de Édipo.

[...] Não sendo aceita a minha oferta, se, receando pelo amigo ou por si mesmo, alguém se cale, assim procederei:
Seja qual for a identidade dele, até onde meu trono e cetro imperem, ninguém o deixe entrar, ninguém lhe fale, ninguém se lhe associe em atos sacros, ninguém a água lustral - ninguém! - lhe oferece. [...] (SÓFOCLES, 2007, p. 48).

No ato em que o coro sugere ao rei chamar Tirésias, ele diz que já o fez, reforçando de quem é a decisão soberana e independente. Sua autonomia é deixada em evidência ao passo em que uma série de tentativas dos outros para interromper a investigação é feita.

Por quatro vezes ele é aconselhado a abandonar a questão e contentar-se com a ignorância: uma vez, no início, por Tirésias (320-321), duas vezes no meio, por Jocasta (848, 1060 e ss.), e uma vez no final, pelo pastor (1165). Édipo sempre rejeita o conselho e prossegue à sua maneira. Na peça sua

vontade é livre. Nada que faz é forçado pelo destino, em nenhum momento dos múltiplos sentidos desta palavra tão ambígua. (KNOX, 2002, p. 09).

De acordo com o autor, Édipo além de ser um agente livre, ele ainda faz parte da causa dos acontecimentos, é totalmente dele a responsabilidade de tudo o que procede. Knox (2002, p. 09) afirma: “Os eventos subsequentes devem-se aos precedentes, não os sucedem simplesmente”.

É mantida a ordem cronológica dos acontecimentos de acordo com o comportamento de Édipo. Pouco antes da abertura da peça quando Creonte é enviado a Delfos é onde começa a catástrofe, no decorrer do enredo, o protagonista mantém a decisão de tornar pública a resposta do oráculo, toma para si a responsabilidade de achar o assassino de Laio e por todas as fases seguintes da investigação que se seguiram.

No momento em que o profeta chega ao palácio, se recusa a falar, mas Édipo arranca a verdade do ancião que por sua vez, acaba por culpá-lo. Quando o rei acusa Creonte de ser um traidor, Jocasta interfere na tentativa de acalmar seus ânimos, no entanto, sua fala faz surgir em Édipo sua primeira dúvida quanto a possibilidade de ele ser realmente o assassino, contudo, em nenhum momento ele decide parar com a investigação, sente a necessidade de descobrir toda a história.

Após a chegada do mensageiro de Corinto com notícias da morte de Pólipo, no momento em que se segue, descobre não ser filho dele, Édipo deixa de lado a preocupação em achar o assassino de Laio para se concentrar em descobrir sua própria identidade. Não aceita o conselho de Jocasta de se contentar com o incerto e faz de tudo para chegar a conclusão do caso. Enfim, não só descobre ser filho e assassino de Laio, como também, filho e marido de Jocasta.

Os atos e decisões de Édipo, segundo Knox (2002), “são o fator causal” no enredo que formam seu caráter, ele não é apenas um homem comum, é extraordinário, começou sem nada e conquistou poder, respeito, se transformou num amado governante e já no fim, após uma grande tragédia, se transformou em um exilado sem lar. Édipo é tido como o maior indivíduo particular da tragédia grega.

O protagonista é um homem de ação, dispensa a inatividade e toma para si as responsabilidades e tudo fará pelo seu povo. Essa vontade que ele tem de agir baseia-se em sua coragem extraordinária, sendo a covardia uma das razões pelas

quais ele mais se indignou na suposta traição de Creonte, razão esta que não é vista como fundada, já que a coragem desse rei é a mesma de quem arriscou sua própria vida para derrotar a Esfinge. Ele não precisa de outros para agir, toma todas as decisões sozinho, com agilidade, antecipa qualquer ideia que outro possa dar a ele, quando o sacerdote sugere consultar o oráculo, ele já havia o feito, quando o coro aconselhou a recorrer a Tirésias, ele já havia mandado chamá-lo, mais de uma vez. “ Também não deixei isto para amanhã” (SÓFOCLES, verso 287).

No instante em que manda chamar o pastor que presenciou Laio sendo assassinado, quer que ele seja feito depressa, todos à sua volta sabem o quanto preza pela agilidade.

Sobretudo, a obra de Knox (2002) fala sobre o pensar com inteligência de Édipo, ele reflete sobre cada decisão que irá tomar, estuda o caso minuciosamente, seu erro foi que, de fato, se achava alheio ao acontecido com o antigo rei de Tebas, já que o seu assassinato ocorreu antes de sua chegada ao reino.

Sua insistência e apego por conhecimento e clareza absoluta fazem parte de sua enorme inteligência, não se contentaria com menos do que a verdade absoluta, as tentativas de convencê-lo do contrário não teriam o menor êxito. Para o autor, um exemplo da grande insistência com a verdade é que mesmo depois de saber que é filho e assassino de Laio e filho e marido de Jocasta, ainda assim, deseja saber o porquê de o pastor ter dado a criança ao velho, provando seu enorme desejo pela história completa, sem nenhum tipo de corte.

Édipo para descobrir os acontecimentos, age como se estivesse em um verdadeiro tribunal, sabe fazer as perguntas corretas para as pessoas corretas, articula uma investigação na qual ele encontra êxito.

Usa inclusive de sua força física para conseguir a resposta do pastor, o domina até sua confissão. Sua inteligência não pode ser subestimada, fora ele quem outrora solucionou o enigma que nenhum outro homem foi capaz, obteve seu sucesso em virtude de sua inteligência, e é por meio desta que é amado. O enigma da Esfinge exigia profissionais, como Tirésias, com seu dom profético, apesar disto, Édipo foi quem o fez, um forasteiro, não tebano. O sacerdote afirma que ele teve a ajuda de um deus, mas o próprio vê de modo distinto:

Não de um desavisado a solução do enigma dependia, mas de um profeta.
Ficou patente: nem aves, nem deuses te inspiravam. E eu cheguei; dei
cabo dela, alguém sem crédito, Édipo;

Vali-me do pensar e não dos pássaros. (SÓFOCLES, 2007, p. 56).

Uma pequena mostra do tamanho da inteligência edipiana. Mais uma vez, o tyrannos deve desvendar um enigma, como um estrangeiro que nada sabe mas pretende usar como principal instrumento sua inteligência, é possuidor de uma autoconfiança e desconfia das capacidades alheias, por esse motivo, pretende ele mesmo pessoalmente, resolver. Tem consciência do que fala, tanto que pronuncia ao longo da peça diversas vezes o termo “eu” e “meu”, e assim como ele, todos confiam nele. “Julgamos-te o melhor dos homens nas questões da vida.”, diz o sacerdote a ele (33).

Roga com certeza de que irá resolver mais um problema, não é homem de nutrir respeito ao estado de desânimo, mesmo na beira de descobrir a verdade, Édipo tem seu ápice de esperança. Todas essas características o fazem um indivíduo superior, ele poderia usar sua grande inteligência para o bem ou para o mal, mas escolhe o lado de sua comunidade, age como um governante ideal como o consideram. Todos têm seu pesar individual, ele porém, sofre por si próprio, pelo povo e a cidade como um todo, vê como uma obrigação, não só pelo cargo que ocupa mas pela nobreza humana, nele existente.

Tirésias põem fim a discussão: “Nada mais direi” (343). Acrescenta , todavia, algumas palavras finais que são um erro; e não dão dimensão da violência imprevisível da colera de Édipo possa dizer arrancará dele uma palavra a mais.

Muito embora profeta, Tirésias não previu as consequências. A resposta furiosa de Édipo é acusá-lo de responsabilidade pela morte de Laio. Isso é tão inesperado que Tirésias esquece de sua resolução e lança a acusação de volta na face de Édipo.

(KNOX, 2002, p. 21).

Transtorna-nos especialmente no caso de Édipo porque a catástrofe assume proporções grandiosas. Ela consiste no reconhecimento por Édipo de sua identidade verdadeira, porém, isso constitui em si uma reversão do tipo atemorizante. A catástrofe da peça é um exemplo do que Aristóteles definiu como da melhor espécie. Uma mudança do herói para o seu contrário, e no caso de Édipo, acontece que há uma reversão da história e do resultado, é um homem simples, para um rei e herói de um povo e acaba como um forasteiro isolado de seu reino. Seu intuito era de se beneficiar ao encontrar o culpado, para se proteger, em benefício próprio, mas não poderia imaginar que rogou as mais terríveis maldições a

ele próprio, as quais se concretizam. Um mendigo cego, exilado e impuro. Ele foi o causador desses resultados, apesar de possuir um caráter admirável. Knox (2002, p. 24,25) revela: “E a tragédia é, entre outras coisas, uma tentativa de penetrar no mistério do sofrimento humano”.

Com isso, podemos afirmar, pela perspectiva de Bernard Knox (2002) que Édipo foi o primeiro e único responsável pela sua queda. Diante de todos os acontecimentos, ele obteve o poder de escolha, e com tudo, escolheu por livre e espontânea vontade cada passo que resultou conseqüentemente em sua catástrofe. Não houve em momento algum qualquer tipo de interferência externa ou de ordem do destino em sua vida que o fizesse chegar ao limite de seu desespero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de duas perspectivas distintas, a primeira, de que Édipo tenha sido usado como um instrumento, um brinquedo pelos deuses, retirando dele a culpa pela sua tragédia e colocando toda a responsabilidade no destino já premeditado que coube a ele apenas aceitar, o que fez com grandeza. De outro lado, vemos como Knox (2002) defende sua visão de que Édipo tenha sido o único responsável por tudo o que lhe aconteceu, já que ele teve em todos os momentos da peça o livre poder de decisão, sem a mínima chance de ser questionado, possuía o respeito de todos, era amado e aclamado, tinha carta branca. No entanto, escolheu por consciência própria todos os passos que levaram a seu triste declínio.

Visto que, ao longo do trabalho, foram apresentadas evidências cabíveis às duas perspectivas, tanto de uma quanto de outra, fragmentos do texto e explicações com fundamentos, não é possível responder à questão proposta.

Tivera sido Édipo um títere dos deuses ou agiu com seu próprio livre-arbítrio? Esta é uma pergunta incabível, sem uma resposta clara, já que possuímos indicativos de ambas perspectivas, no entanto, é possível dizer que a tragédia grega *Édipo rei* utiliza de ambas ideias, conseguimos identificá-las na peça como verdadeiras causas da catástrofe sofrida pela personagem principal.

A partir daí, afirmamos que há inúmeras obras além destas estudadas e analisadas, documentos e análises sobre esse tema tão amplo. Pretendo, assim, continuar os estudos sobre um assunto de enorme pertinência sobre uma obra tão emblemática que permanece sendo contemplada ainda nos dias de hoje.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REINHARDT, Karl. *Sófocles*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

ROMILLY, Jacqueline. *A Tragédia Grega*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1970.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. Tradução de Trajano Vieira.

SÓFOCLES. *Édipo em Colono*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007

KITTO, H. D. F. *Os gregos*. Coimbra-Portugal: Editora. 1990.

KNOX, Bernard. *Édipo em Tebas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BRUNCK, in KNOX, *Édipo em Tebas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.